



CENTRO UNIVERSITÁRIO VALE DO SALGADO
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA

RAIMUNDO SEVERINO DE OLIVEIRA

PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO INFANTIL

Ic6- CE

2024

RAIMUNDO SEVERINO DE OLIVEIRA

Psicanálise e Educação Infantil

Artigo científico submetido à disciplina de TCC II, do Curso de Graduação em Psicologia pelo Centro Universitário Vale do Salgado (UNIVS), como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Professor Davi Sampaio Cardoso.

Icó-CE

2024

RAIMUNDO SEVERINO DE OLIVEIRA

PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO INFANTIL

Artigo científico aprovado em 29/11/2024, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em psicologia pelo Centro Universitário Vale do Salgado- UniVS.

BANCA AVALIADORA

Prof. Esp. Davi Sampaio Cardoso

Professor Orientador

Prof. Dr. Maria Eniana Araújo Gomes

Avaliadora

Prof. Esp. Tatiana Araújo Felizardo

Avaliadora

Icó-CE

2024

RESUMO

Partindo das reflexões acerca da criança descortinada por Freud, direcionando o saber psicanalítico para a educação infantil, aponta-se a importância da transferência como recurso essencial para a educação por corroborar para o aprendizado. Para a psicanálise, a criança é constituída de impulsos e emoções manifestadas pelo inconsciente e consciente respectivamente, o que torna esse sujeito singular. Ressalta também que o ingresso dessa criança na educação infantil evoca sentimentos de angústia e de mal estar por sua inclusão em uma cultura diferente. Os sentimentos infantis são representados por meio de sintomas psicossomáticos e psíquicos, ao qual precisa ser entendido como uma forma de linguagem expressa conforme cada fase do desenvolvimento, no intuito de promover sua independência e seu desenvolvimento integral em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social através de práticas pedagógicas baseadas nos conhecimentos que se tem sobre o sujeito psicanalítico. O presente trabalho constitui-se como uma revisão bibliográfica de análise qualitativa, realizada por meio do procedimento técnico de fichamento de livros digitais e físicos, artigos científicos, periódicos e outros, a fim de abordar o tema tomando como base o processo histórico da educação infantil, da infância e das teorias psicanalíticas. Compreende-se que uma das contribuições da psicanálise no campo da educação trata-se da promoção de uma nova compreensão e percepção dos educadores diante da infância, evidenciando a impossibilidade de padronizar comportamentos e interpretações do mesmo a partir da noção de singularidade na psicanálise.

Palavras-chave: Psicanálise. Educação Infantil. Transferência. Sintoma.

ABSTRACT

Based on the reflections on the child revealed by Freud, directing psychoanalytic knowledge towards early childhood education, the importance of transference is highlighted as an essential resource for education as it corroborates learning. For psychoanalysis, the child is made up of impulses and emotions manifested by the unconscious and conscious respectively, which makes this subject unique. It also highlights that this child's entry into early childhood education evokes feelings of anguish and discomfort due to their inclusion in a different culture. Children's feelings are represented through psychosomatic and psychic symptoms, which must be understood as a form of language expressed according to each phase of development, with the aim of promoting their independence and their integral development in their physical, psychological, intellectual and social aspects through pedagogical practices based on the knowledge we have about the psychoanalytic subject. This work is a bibliographic review of qualitative analysis, carried out through the technical procedure of indexing digital and physical books, scientific articles, periodicals and others, in order to approach the topic based on the historical process of early childhood education, childhood and psychoanalytic theories. It is understood that one of the contributions of psychoanalysis in the field of education is the promotion of a new understanding and perception of educators towards childhood, highlighting the impossibility of standardizing behaviors and interpretations thereof based on the notion of singularity in psychoanalysis.

Keywords: Psychoanalysis. Early Childhood Education. Transference. Symptom.

1 INTRODUÇÃO

Houve um tempo em que a concepção de infância era muito diferente da que se tem hoje, pois a criança era considerada um pequeno adulto, por isso seus direitos e deveres não se distinguiam por idade, não possuíam identidade própria e sua singularidade não era evidenciada. Na idade medieval não existia uma percepção de infância e sim uma afetividade com o bebê, no qual os pais gostavam de brincar com ele, admirando sua inocência e total dependência dos cuidados da família. A partir do período renascentista, essa criança passa a ser o centro do núcleo familiar, o que despertou a atenção para essa fase (Costa, 2010).

Entre os séculos XVII e XVIII, via-se a infância como um período de inocência que precisava ser preservada, e sua educação preocupava familiares e educadores. do século XVIII a XX, as ideias do período iluminista passam a inspirar toda a educação. Nesse mesmo período, Jean Jacques Rousseau (1712-1778) afirmou que a criança nasce inocente e pura, e pode ser educada, pois a natureza humana é maleável. A partir do século XX, a preocupação com a infância vem se expandindo, despertando a atenção para o estudo da criança em suas fases de desenvolvimento e formação de sua personalidade (Costa, 2010).

Diante do contexto, a psicanálise apresenta um novo olhar sobre a criança, transformando o conceito de criança como um registro genético e cronológico em uma abordagem do inconsciente, apresentando informações plausíveis de que essa criança não é apenas inocente e pura, como se afirmava Rousseau, e sim, um ser dotado de sexualidade, “o perverso polimorfo”. Freud, Melanie Klein e outros teóricos afirmam que o brincar é uma forma de linguagem usada pelo inconsciente para se comunicar e expressar principalmente, a cultura e sentimentos subjetivados dentro de si (Farias; Almeida, 2022).

Nesse sentido, conforme Passone (2016), a psicanálise mostra sua relevância no desenvolvimento infantil a partir do momento em que Freud apresenta as três fases da sexualidade infantil, onde afirma haver uma pulsão que não tem objeto, que não existe um desenvolvimento sexual natural e que a sexualidade não se inicia na puberdade. Sendo assim, apresenta-se como um campo fecundo, que adentra de forma peculiar na subjetividade infantil com uma perspectiva de reconhecer a singularidade do sujeito em cada fase de seu desenvolvimento (Farias; Almeida, 2022).

O sofrimento psíquico nas escolas é manifestado por meio de diversos sintomas infantis, que podem ser sintomatizados fisicamente. A ausência de choro nem sempre indica uma adaptação, podendo ser substituído pela somatização, sendo as mais comuns, a desinteria; vômitos; febre; doenças psicodérmicas; comportamentos agressivos; carência; gritos e ansiedade. Nesse sentido, a formação de um sintoma pode ser um fato orientador quanto à experiência da criança na vida escolar (Oliveira, 2018).

O objetivo dessa pesquisa é propor uma reflexão acerca da inserção e permanência da criança na cultura mediante a educação infantil, de forma mais específica, busca-se apresentar as contribuições psicanalíticas na visão desse sujeito, além de investigar a formulação da educação infantil e a compreensão de que os comportamentos são sintomas inconscientes.

A presente pesquisa justifica-se por promover uma ampliação no conhecimento da comunidade escolar e familiar sobre a visão da psicanálise como um elemento inovador na compreensão das dificuldades enfrentadas pela criança no período escolar, considerando a sociedade uma peça essencial nesse contexto de construção do sujeito em sua singularidade, por se tratar de um problema pertinente na realidade escolar e familiar no Brasil. Além da comunidade escolar e familiar, entende-se que essa investigação pode interessar aos gestores dos serviços de educação, pois constituem um conjunto de informações que servirão de suporte para possíveis debates, elaboração e implementação de projetos educacionais voltados ao conhecimento teórico-técnico e à capacitação de seu núcleo educacional .

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A INVENÇÃO DA INFÂNCIA

A distinção entre infância e adulto inicia-se do século XVI ao XVIII, influenciada pela diminuição da mortalidade infantil e pelo surgimento dos padres reformadores que acreditavam que as crianças eram inocentes e precisavam preservar sua racionalidade moral. Para isso, criaram a escola em forma de internato para preservá-las da poluição moral absorvida no convívio com os adultos, essa atitude gerou uma aliança entre a instituição religiosa e a pedagogia regida pela moral. Nesses internatos, elas eram separadas por idade, inocência e racionalidade moral, e castigadas quando descumpriam os ensinamentos, dando origem à primeira interação entre infância e escola no contexto ocidental (Ferreira; Araujo, 2017).

Ainda entre os séculos XVI e XVIII, as crianças exerciam as mesmas funções que os adultos, não existia seleção de conteúdos ou assuntos para elas e nem separação por idade, lutaram como soldados nas guerras, exerceram trabalhos domésticos e ainda dividiram seus quartos com os adultos. A partir do século XVIII, a maior parte da população era composta pela classe social baixa e por isso, a revolução industrial ocorrida neste mesmo século, condenou as crianças pobres à escravidão do trabalho infantil, na qual muitas trabalharam como operárias, desempenhando funções perigosas dentro das fábricas, minas de carvão ou nas ruas, com o objetivo complementar o sustento familiar (Ferreira; Araújo, 2017).

Ainda nesse período, as crianças praticavam trabalhos tão desumanos, que muitas morriam dias depois, por não suportarem a extensa carga horária e o tipo de trabalho exercido. Essa situação levou a sociedade a perceber principalmente, que além dos avanços da ciência e das mudanças econômicas e sociais, o número de crianças no mundo estava diminuindo, surgindo assim, a ideia de infância no contexto histórico e social da modernidade. Nesse período, Rousseau trouxe uma importante contribuição que foi considerada como um grande avanço em relação ao reconhecimento da criança como um ser puro e inocente, com maneiras próprias de sentir e relacionar-se conforme sua idade (Kramer, 2017).

Com o advento do capitalismo e da industrialização, o modelo de família burguesa era predominante, sendo tipicamente patriarcal, sendo o homem o provedor do lar enquanto a mulher exercia a maternidade, cuidando e educando os filhos. Com a inserção da mulher no mercado de trabalho, os modelos de família começaram a desintegrar-se, transformando a família patriarcal em uma família moderna, causando uma ruptura no seio da instituição familiar tradicional, que originou lapsos na criação dos filhos e transformações irreversíveis para a dinâmica familiar. Diante dessa nova configuração, marcada pela insuficiência em satisfazer uma gama de funções das mais variadas, desde sua alimentação até sua inserção na cultura, novas frustrações se colocaram como uma forma de configurar a subjetividade dos sujeitos (Teodoro; Baptista, 2020).

Ao longo deste século, cresce a busca em conhecer a criança nas diversas correntes da psicologia por meio de estudos das suas formas de brincadeiras, atividades, músicas, história e de outras práticas culturais. Wallon, Piaget e Vygotsky, revolucionaram os estudos infantis, trazendo uma nova concepção de infância, dividindo-a por fases de desenvolvimento conforme sua idade. Porém, mais recentemente, estudos críticos vêm denunciando o desaparecimento da infância, apropriando-se da ideia de que a barbárie contra a criança se

tornou constante, através de agressões físicas, pobreza, uso demasiado de tecnologias e das explorações sexuais (Teodoro; Baptista, 2020).

As crianças que são vítimas desta incivilidade, apresentam dificuldades ainda maiores no processo de adaptação na educação infantil, por isso torna-se tão importante respeitar sua singularidade, considerando o contexto em que ela está inserida, além de atentar-se as expressões que elas compartilham em sala de aula, no intuito de tentar compreender essa comunicação. É preciso observar também, que nem sempre comportamentos agressivos são sinônimos de transtorno opositor, mas podem ser manifestações de revoltas ou de sofrimento psíquico que ela vivenciou (Kramer, 2007).

Nesse âmbito, os avanços científicos e tecnológicos influenciaram a criação de políticas públicas a fim de preservar a infância. Entender que essa criança é um cidadão constituído por necessidades, desejos e dificuldades, têm transformado a educação infantil, influenciando os profissionais a reconhecerem que cada criança é única e peculiar, e que seus impulsos manifestados em cada fase do desenvolvimento proporcionará a esses profissionais uma melhor percepção desse sujeito, os estimulando a encontrar a melhor forma de auxiliá-la a superarem suas dificuldade, no intuito de garantir o futuro de uma nação humanizada (Kramer, 2007).

3.2 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

A chegada dos Jesuítas no Brasil, no século XV, marca o início da história da educação infantil brasileira, cujo objetivo era catequizar os índios, educar e qualificar os filhos da elite e oferecer cursos de nível elementar e superior. Nesse período, somente os filhos homens da casa grande frequentavam escolas e tinham o direito de serem instruídos e disciplinados, as mulheres brancas aprendiam apenas a serem boas mães e esposas. As crianças negras e do sexo feminino, não recebiam educação jesuíta. Nesse mesmo período, os homens mulatos passaram a receber educação jesuíta desde que autorizados pelo rei. Essa educação permaneceu no Brasil por dois séculos e representou um período de desigualdade social, racial e sexista na educação (Alencar; Oliveira, 2017).

No século XVIII, foram criadas casas de apoio para acolher crianças rejeitadas pelos pais, no intuito de prepará-las para o trabalho árduo e forçado nas lavouras. Neste mesmo século, um movimento promovido pelos médicos higienistas promoveu a compreensão de que a criança era um ser frágil e que precisava de cuidados especiais. A partir do século XIX, a

criança branca começa a estudar nos colégios religiosos, onde aprendiam latim, gramática e boas maneiras, porém, para as crianças negras, o fim da infância começava aos 12 anos e começavam a trabalhar (Alencar; Oliveira, 2017).

No século XX, especificamente em 1920, a teoria psicanalítica passou a ganhar espaço na educação, quando passou a ter suas teorias divulgadas, junto aos educadores. Segundo Sousa e Oliveira (2017), Em 1930, foi criado o Ministério da Educação (MEC) com o nome de Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública, responsáveis pelos assuntos educacionais, de saúde pública e assistência hospitalar, nesse período começaram a surgir as primeiras escolas públicas destinadas a atender a todas às crianças que tinham entre 7 e 15 anos de idade sem distinção, não existia ainda jardim de infância (Barros *et al.*, 2017).

A psicanálise teve essa introdução na educação por ter sido referência em assuntos educacionais graças a seu arcabouço teórico bastante consistente relacionado ao desenvolvimentos psíquico infantil, as relações interpessoais e aos problemas emocionais da criança, na qual amplia a visão pedagógica da criança desadaptada ou difícil para seu amplo espectro, dando suporte a filosofia da *Escola Nova*, cujo objetivo era usar as teorias psicanalíticas para a psicologização da educação incorporada ao discurso médico higienista, que usou sua aplicação na escola como forma de higiene mental e escolar, visando impedir a expressão das potencialidades infantis, permanecendo até 1950 (Barros *et al.*, 2017).

O objetivo dos movimentos higienistas era prevenir a saúde mental individual, melhorar a coletiva e amparar as crianças que manifestassem problemas de conduta ou personalidade. Com esse objetivo, foram criadas clínicas de orientação infantil no Rio de Janeiro e em São Paulo, que marcaram o início de uma prática clínica infantil inspirada nos princípios psicanalíticos vinculados à educação, com o intuito de combater a higiene mental e as psicopatias, propondo um ajustamento ao deficitário escolar por meio de uma reeducação e orientação para pais e professores com o intuito de prevenir as doenças mentais através de uma boa educação e de uma nova conduta (Barros *et al.*, 2017).

Essa atitude deixou a impressão de que a psicanálise tinha a função de prevenir e corrigir questões educativas, desprezando sua real função, que é prevenir doenças mentais no âmbito da educação escolar e familiar. De 1950 a 1980, a psicanálise sofreu um momento de estagnação no Brasil. 1970 é considerado o marco da educação infantil brasileira, por ser o período em que começaram a surgir as primeiras creches voltadas primeiramente para atender

os filhos de servidores públicos, , promovidas pelos sindicatos e setores privados, focando no desenvolvimento social, cognitivo e afetivo da criança, inspirada em Friedrich Froebel (1782-1852), o criador do primeiro jardim de infância (Alencar; Oliveira, 2017).

Segundo Alencar e Oliveira (2017), entre o final de 1970 e início de 1980, a Organização das Nações Unidas Para a Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO) e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), defenderam uma educação infantil de massa, influenciando a criação de programas Federais que atendessem as crianças de famílias pobres, com o objetivo de suprir as carências de ordem física, material, social e psicológica. Inicialmente essas creches não tinham infraestrutura, materiais pedagógicos e profissionais qualificados para promover o desenvolvimento infantil. Os modelos educacionais aplicados nesse período, eram diferenciados por classe social:

As crianças das diferentes classes sociais eram submetidas a contextos de desenvolvimento diferentes, já que, enquanto as crianças das classes menos favorecidas eram atendidas com propostas de trabalho que partiam de uma idéia de carência e deficiência, as crianças das classes sociais mais abastadas recebiam uma educação que privilegiava a criatividade e a sociabilidade infantil (PASCOAL; MACHADO, 2012, p. 84)

Na década de 1980, os movimentos sociais e a luta pela democracia, resultaram em uma nova doutrina infantil, na qual a criança deixa de ser um objeto de tutela para ser um sujeito de direito, o que influenciou o surgimento nesse período, de uma educação assistencialista, influenciando o Ministério da Educação a conceber a educação infantil com as funções de educar e cuidar, a fim de garantir uma educação comprometida com a educação. Com a exigência das mães da classe média por uma educação infantil, movidas pela necessidade de trabalharem fora do lar, amplia-se a função assistencialista da educação infantil a uma função educacional, garantindo uma educação acessível para todos. (Alencar; Oliveira, 2017).

Em 1988, a Carta Constitucional garante às crianças o reconhecimento de seu direito à educação por reconhecê-la como um sujeito de direitos. Em 1990, foi aprovado o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que inseriu as crianças nos direitos humanos, a fim de garantir seus direitos fundamentais, com o intuito de proporcionar seu desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social em condições de liberdade e dignidade, além de defini-las como atores do seu próprio desenvolvimento. Nesse mesmo período, a psicanálise volta a ganhar espaço na sociedade brasileira, por meio da publicação de artigos que traziam uma nova perspectiva sobre a psique infantil (Pascoal; Machado, 2012).

Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), instituiu a educação infantil como a primeira etapa da educação básica, que visa promover o desenvolvimento integral das crianças até 6 anos de idade, evidenciando a necessidade de considerá-la como um todo na intenção de promover seu desenvolvimento integral e sua inserção na esfera pública, complementando a ação da família e da comunidade. Apesar da educação infantil não ser obrigatória até o final do século XX, ainda há dificuldades de acesso para as famílias de baixa renda e de qualidade em relação a infraestrutura, materiais pedagógicos, equipamentos, a separação entre cuidar e educar, a ausência de currículos e propostas pedagógicas (Pascoal; Machado, 2012).

O Ministério da Educação definiu em 2006 a Política Nacional de Educação Infantil, que recomenda que a prática pedagógica considere os saberes construídos no cotidiano das crianças, da comunidade escolar, familiar, social e demais profissionais envolvidos para se embasar na elaboração, implementação e avaliação das políticas públicas. Em 8 de março de 2016, foi lançada a Lei 13.257, que ficou conhecida como o marco legal da primeira infância, por prever a formulação e implementação de políticas públicas voltadas para as crianças da educação infantil (Lima, 2024).

Em oposição à educação humanista, tem-se a educação baseada na teoria do capital humano, na qual seus defensores trazem a perspectiva de que essa infância preparada adequadamente poderá formar adultos produtivos e com capacidade de aliviar a pobreza, sendo percebida como um capital humano que pode ser moldado para promover melhorias futuras na sociedade. Essa teoria traz uma percepção que o investimento educacional na primeira infância é um dos investimentos mais rentáveis (Lima, 2024).

Em 2017, o Ministério da Educação, divulgou a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), um documento que tem como objetivo, desenvolver integralmente a criança de até cinco anos de idade em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, a fim de promover sua emancipação por meio de práticas pedagógicas que enfatizam interações e brincadeiras. Os procedimentos e metodologias usados nessa primeira etapa precisam ser renovados e aperfeiçoados constantemente conforme as necessidades percebidas na sala de aula, respeitando a singularidade de cada criança (Silva, 2019).

Assim, a criança de 0 a 5 anos de idade, de acordo com o artigo 4º, '[...] deve ser vista como um sujeito histórico e de direitos e que nas suas, interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca,

imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra e questiona os sentidos da natureza e da sociedade, produzindo cultura (OLIVEIRA, 2018, p. 57).

Atualmente, a educação infantil se tornou muito importante por ser vista como a fornecedora de ferramentas iniciais para o desenvolvimento e formação da identidade do sujeito, tomando como bases fundamentais, os princípios de uma educação humanista, que é construída por meio do saber e do fazer de todos, cujo objetivo é alcançar a humanização do sujeito por meio da colaboração da família e dos educadores, este segundo, precisa ser humanizado para enxergar os alunos por meio da afetividade, da amizade e principalmente por meio do amor. só assim a escola poderá ser um lugar de bem estar, lazer, alegria e felicidade para o sujeito (Freitas, 2018).

3.3 A INFÂNCIA NA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA

A concepção de infância definida por Rousseau é marcada por sua inocência e pureza, permanecendo até o final do século XIX na cultura ocidental. Porém, Freud, o pai da psicanálise, segundo Moraes (2023) apresentou uma nova percepção de infância, pautada na sexualidade, não numa sexualidade relacionada somente aos órgãos genitais e sim às zonas erógenas do corpo. Assim, discorre acerca de tudo que biologicamente ou psiquicamente pode causar uma sensação de prazer ou bem estar na criança. Para Prizskulnik (2004), a sexualidade na psicanálise pode ser conceituada resumidamente dessa forma:

[...] sexualidade' não designa apenas as atividades e o prazer que dependem do funcionamento do aparelho genital, mas toda uma série de excitações e de atividades presentes desde a infância, que proporcionam um prazer irreduzível à satisfação de uma necessidade fisiológica fundamental (respiração, fome, função de excreção, etc.), e que se encontram a título de componentes na chamada forma normal de amor sexual (PRISZKULNIK, 2004, p.74).

Segundo Moraes (2023), Freud também substituiu a noção de instinto sexual, que tem uma única finalidade conforme a espécie animal, pelo conceito de pulsão sexual, manifestada pelo inconsciente e que influencia o comportamento e a forma de se relacionar com o mundo. Essa pulsão trata-se de uma energia que se descarrega no próprio corpo do indivíduo, com o objetivo de satisfazer o impulso sentido. Gestos simples como sugar o polegar durante a primeira infância é um exemplo de como descarregar essa energia e satisfazer a libido.

Freud afirma que o desenvolvimento psicossocial está relacionado a uma série de estágios associados a zonas erógenas específicas e localizadas em diferentes regiões do corpo, na qual se concentra a libido conforme a idade. Porém, sua perspectiva não é rígida em relação a essas fases e sim em relação a satisfação da libido que influencia no

desenvolvimento da identidade do indivíduo. O primeiro estágio de desenvolvimento é o oral, considerado uma fase muito importante, pois a boca é a primeira zona erógena que exerce uma pressão libidínica sobre a mente; a necessidade de sugar o peito da mãe é substituída pelo desejo de obter prazer por meio desta zona (Silva; Rezende, 2024).

O segundo estágio é o anal, o prazer mais simples nessa região é o esvaziamento do intestino e a ação de exibir as fezes para seus cuidadores, porém, quando os genitores não dão atenção a essa atitude, a criança reprime a ideia que representa o impulso, na qual pode gerar uma repulsão intensa ou uma obseção pela sujeira, podendo afetar o seu desenvolvimento psicossocial na vida adulta. A fixação anal se divide em duas: a retentiva, na qual o indivíduo apresenta comportamentos excessivos de rigidez e de controle, por ter sofrido pressão para aprender a reter as esfíncteres e a impulsiva, na qual apresenta falta de controle e desorganização (Moraes, 2023).

O terceiro estágio é a fase fálica, que é a mais crucial para o desenvolvimento sexual na vida de uma criança. Nesse momento, a criança passa a tomar consciência de sua zona genital, que a influencia a se concentrar nos órgãos genitais, não por uma busca sexual como os adultos, mas por uma sexualidade de autoconhecimento, na qual os impulsos são deslocados para o inconsciente. Esses estágios fornecem uma estrutura que auxilia na compreensão das mudanças que ocorrem no desenvolvimento da sexualidade e da identidade ao longo da infância e da adolescência (Euzebio, 2023).

Na fixação fálica, são observados comportamentos e características como vaidade excessiva, necessidade de atenção constante, rivalidade exacerbada com pessoas do mesmo sexo ou dificuldades na construção de relacionamentos íntimos. Porém, vale ressaltar que esses comportamentos citados anteriormente ocorrem após a castração, momento em que perceberá que não é mais o único objeto de prazer dos seus genitores, essa percepção lança a criança em sua neurose (Moraes, 2023).

Para Freud, quando ocorre um bloqueio ou uma interrupção no desenvolvimento psicossocial em alguma fase desses estágios, pode gerar uma fixação no indivíduo que estará associada a cada fase, na qual passará a praticar comportamentos que tendem a suprir a não satisfação de tais zonas erógenas, que foi influenciada pela falta ou pelo excesso de gratificação recebida em cada uma delas. Dependência excessiva de outras pessoas, falar em

excesso, comportamentos passivos ou dificuldades com alimentação são causados pela fixação oral (Moraes, 2023).

Conhecer as fases propostas por Freud é extremamente importante para compreender a importância da pulsão na infância, do olhar e da voz dos adultos como elementos fundamentais na organização do psiquismo infantil durante a primeira infância além de conhecer cada fase e os tipos de comportamentos durante seu desenvolvimento ao longo do tempo no âmbito emocional, social, ou afetivo, podem ajudar a identificar possíveis áreas de fixação ou de conflito no desenvolvimento infantil (Moraes, 2023).

Segundo Netto e Rezende (2013), Freud afirma que a pulsão é uma definição que converge o psíquico e o somático como uma representação de estímulos que saem do interior do corpo até chegar à mente em forma de satisfação, resultantes dos desejos sentidos pelo corpo. Quando essas pulsões não são satisfeitas, elas são recalçadas, o psiquismo infantil ao perceber esse recalque, ativa o mecanismo de defesa que lutará com essas insatisfações, fazendo surgir o sintoma para representar essa insatisfação, no intuito de evitar sensações de angústia e desprazer. O sintoma é algo singular de cada sujeito (Dias, 2006).

3.4 SINGULARIDADE: ENTRE O SINTOMA E A TRANSFERÊNCIA

A concepção de sujeito tem sua origem na filosofia, no entanto, quando a psicanálise adota esse termo ela passa a lhe atribuir características diferentes das conhecidas até então, destituindo a razão como sua principal característica. O sujeito psicanalítico, não é igual à noção de “eu” da filosofia, garantido por qualidades e autonomia, e nem tão pouco apoiado ao campo da consciência, mas é instituído a partir da dimensão do inconsciente. (Filha, 2021).

Vale ressaltar ainda, que as crenças e culturas normatizam o sujeito, obrigando-o a se desfazer dos seus próprios desejos e opiniões com o intuito de torná-lo um ser, segundo Freud, civilizado. Porém, o excesso de repressão gera no sujeito angústias extremas e outras sensações que o afetam a ponto de causar-lhes sofrimento psíquico e físico como depressão, ansiedade e neuroses graves (Souza, 2020).

Conforme Filha (2021), uma das particularidades da psicanálise é o cuidado com o paciente, Freud via a doença não como algo invasivo, mas como algo que faz parte do sujeito e está relacionado ao seu psiquismo, por isso, a doença ou os sintomas não eram compreendidos como algo que necessitasse ser abordado na perspectiva curativa, como na

medicina convencional, e sim como algo que deve ser tomado pelo paciente e inserido na cadeia de seus desejos de forma que possa ser elaborado em análise.

Dessa forma, Filha (2021) afirma que os desejos do sujeito se manifestam de forma representativa, via comportamento e via linguagem expresso pelo sintoma. Segundo Dias *apud* Freud (2006), “o sintoma pode ser compreendido como "um sinal e um substituto de uma satisfação pulsional que permaneceu em estado jacente; [o sintoma] é uma consequência do processo de recalçamento”.

A psicanálise inicia seu trabalho em torno do estudo das neuroses, em especial, a histeria. Para Freud, a neurose é resultante dos conflitos existentes entre as pulsões e o eu, por serem incompatíveis com os padrões íntegros e morais da sociedade, por isso são recalçadas. Assim, as pulsões são impedidas de se tornarem conscientes e afastadas da possibilidade de serem satisfeitas (Dias, 2006).

Porém, quando esse recalque fracassa e a libido reprimida procura novas formas de sair do inconsciente com o objetivo de satisfazer-se, regride às fases do desenvolvimento infantil, na busca por pontos de fixação que invadam a consciência e alcance um certo grau de satisfação. O resultado alcançado nesse processo é um sintoma, uma satisfação sexual disfarçada da libido expressa pela pulsão (Dias, 2006).

Lacan ao perceber que o sintoma está relacionado a uma forma de linguagem expressa pelo sujeito na clínica, afirmou que esse sintoma vem narrado por meio de significantes direcionados ao outro, ou seja, ao analista. Esses significantes são as queixas ou palavras mais repetidas na análise, e é organizada pelo analista em forma de história singular do paciente. Segundo Freud, essa repetição está para além do princípio do prazer por sua repetição significativa, ela é uma tentativa de (re)encontro com o objeto perdido pelo sujeito do qual ele não tem consciência de sua existência, mas que busca constantemente satisfazer o desejo gerado por sua falta (Carneiro *et al*, 2016).

O sintoma tem a função de signo, representando a pulsão na vida do sujeito e interferindo diretamente na vida e na sua identidade em construção. O sintoma se forma com o sujeito, mas também, é resultante dos novos processos inconscientes. Os sintomas tem a natureza de conciliação por buscar formar compromisso entre a libido insatisfeita (recalçada) e a força repressora (moral do eu) que compartilharam suas origens. Essa busca pela

conciliação torna o sintoma muito resistente. O sintoma fala sobre o sujeito, mesmo que ele não tenha consciência disso (Dias, 2006).

A transferência é um canal de comunicação entre sujeitos que lhe permite estabelecer relações com pessoas ou objetos, ela acontece todos os dias e em todas as formas de contato existentes. É responsável por estabelecer o tipo de relação que se constrói com o outro e nessa relação é transferido não só sentimentos parentais, como também os conflitos infantis recalçados pelo sujeito que se apresenta por meio do sofrimento psíquico, da tristeza, da angústia e por outros sintomas que o próprio sujeito desconhece a origem. (Moura, 2024).

É importante destacar que na clínica, a análise se inicia com as entrevistas preliminares e se baseiam na função sintomal, diagnóstica, estrutural e transferencial, na qual cada uma conduzirá a análise a seu modo. Na função sintomal (sinto-mal), a queixa do paciente se transforma em uma demanda, para que possa ser trabalhado em análise permitindo que o paciente desvende a mensagem codificada do inconsciente. A função diagnóstica tem o objetivo de levantar um diagnóstico diferencial sobre o paciente que direciona a análise, buscando compreender em qual estrutura clínica (neurótica, psicótica ou perversa) ele se enquadra e articular as funções fundamentais do sujeito dentro da análise, assim, o diagnóstico é investigado por meio do registro simbólico (Carneiro *et al*, 2016).

Na perspectiva de Freud, a transferência é entendida como uma forma de reedição manifestada pelo inconsciente, baseada em vivências passadas do sujeito que são atualizadas e direcionadas para o outro presente na relação. Essas reedições transferem sentimentos de simpatia e antipatia, além de representações fraternais e parentais que na verdade não estão relacionadas à pessoa do presente momento, mas aos presentes nas experiências passadas do indivíduo. Esse teórico afirma que por meio da transferência, o analista pode acessar os conflitos infantis recalçados pelo analisando (Ribeiro, 2014).

Na perspectiva lacaniana, a transferência é uma função do analisando e é essencial que o analista saiba utilizá-la para que a análise se inicie. Inicialmente, o analista não acessa o inconsciente do paciente, mas durante a análise, por meio da técnica da associação livre passará a operá-lo, assim, fazendo uso da função sintomal, que faz aparecer a dimensão do desejo e levando-o à categoria de enigma. Dessa forma, a transferência adquire um papel primordial para o sujeito iniciar uma análise e realizar esse processo de elevação do sintoma ao enigma (Carneiro *et al*, 2016).

3 METODOLOGIA

A pesquisa constitui-se como uma revisão bibliográfica de análise qualitativa. Conforme Lozada e Nunes (2019), a revisão bibliográfica consiste em mapear teoricamente o estado atual de conhecimento sobre o tema abordado nessa pesquisa, tomando como base diferentes tipos de pesquisas publicadas até o momento.

O estudo é de abordagem qualitativa, uma vez que esse tipo de abordagem permite o tratamento das informações sem inferir de modo precipitado e abarca a dimensão subjetiva do objeto de estudo. Portanto, essa perspectiva viabiliza conceber a infância a partir do saber da psicanálise, permitindo a compreensão dos sentidos dos comportamentos infantis manifestados no seu processo de inserção e permanência na educação infantil, e os impactos que sua forma de adaptação têm no desenvolvimento infantil. esta pesquisa se adequa ao método dedutivo, uma vez que parte da análise de acepções gerais para uma área mais específica, nesse caso, a contribuição da psicanálise na obtenção de resultados satisfatórios na adaptação e permanência da criança na educação infantil

O estudo toma como fonte de pesquisa artigos que compõem a base de dados Periódicos de Psicología (Pepsic), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Editora Científica publicados entre os anos de 1996 e 2024 e foram buscados a partir dos descritores: “Infância”, “Educação Infantil”, “Psicanálise” e “Políticas Públicas”. Além disso, também foram utilizados outros materiais disponibilizados pela literatura acadêmica como TCCs, Teses, Dissertações, virtuais por meio da ferramenta de pesquisa Google e livros físicos. No que se refere aos objetivos, o estudo será exploratório, pois pesquisas com esse tipo de objetivo procuram esclarecer e apresentar novas perspectivas sobre determinado objetivo, além de apresentar características sobre o próprio (Lozada; Nunes, 2019).

Quanto à análise de dados, será utilizada a análise do conteúdo de Bardin que segundo o autor, permite o pesquisador, operacionalizar e sistematizar as ideias permitindo a introdução de novos métodos no discurso da análise por meio dos três fatores, a escolha dos documentos que serão analisados; formulação das hipóteses e objetivos; e elaboração de indicadores que fundamentam a interpretação final, em ordem cronológica. Os critérios de inclusão foram presença do tema em questão abordado e disponibilidade dos textos na língua portuguesa. Os critérios de exclusão foram descartar as publicações que não abordavam os assuntos desejados ou a ausência dos descritores utilizados nas publicações

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 DIÁLOGO ENTRE EDUCAÇÃO E PSICANÁLISE

A relação entre psicanálise e educação no Brasil é muito antiga, ocorrendo desde o século XX, quando começaram a repercutir as teorias psicanalíticas, que impulsionou a primeira tentativa de unir os conhecimentos psicanalíticos aos conhecimentos pedagógicos pelo pedagogo Oscar Pfister (1873- 1956), que enviou uma carta a Freud relatando sobre um possível projeto pedagógico que considerava os conhecimentos psicanalíticos essenciais para a educação, criando uma nova disciplina, a “Pedanálise”, à qual Freud concordou. Apesar da psicanálise ainda não ter tido espaço efetivo nesse período, essa pedanálise contribuiu para despertar o interesse da educação sobre os conhecimentos psicanalíticos da infância (Barros *et al*, 2017).

O ingresso na educação infantil, é sem dúvida um processo doloroso e por isso é necessário oferecer às crianças, segurança e amor para que ela possa reagir de forma positiva a essa nova transição entre o ambiente familiar e escolar, no intuito de conseguir uma adaptação construtiva, para isso, é necessário ofertar assistências que vão além do carinho, da atenção, da alimentação e da higiene, como considerar a singularidade de cada um que se faz presente nesse ambiente. Procurar conhecer o que essa criança faz de prazeroso e qual sua rotina familiar para reproduzir no momento da acolhida, poderá trazer conforto para ela por representar seu mundo confortável, podendo assim, despertar sua atenção nesse momento de extrema importância para o sucesso da realização de futuras atividades (Pelissari, 2024).

Segundo a psicanálise, a inserção da criança na educação infantil é considerado um momento de desprazer por exigir que ela renuncie suas satisfações pulsionais para adaptar-se às normas sociais e de angústia por ser arrancada mais uma vez de um ambiente acolhedor e confortável e colocada em um novo ambiente que exigirá dela uma nova adaptação e um mudança de comportamento, já que não estará mais sobre a proteção da família e sim de desconhecidos que inicialmente poderá gerar medo, insegurança e uma sensação de abandono. Para Freud, educar é permitir o ingresso da criança na cultura, repassando a importância de se adequar a esses códigos que organizam a sociedade (Corrêa, 2022).

A psicanálise defende que a educação só é viável à medida que a transferência ocorre, pois na relação aluno- professor, o educando reproduz sua afetividade parental direcionando-a para o educador por vê-lo como o sujeito suposto do saber. Os docentes agem baseando-se no

contexto social do aluno, na sua fase de desenvolvimento e nos seus interesses com o objetivo de motivá-los e estimulá-los a alcançar o conhecimento, respeitando a singularidade de cada um. Quando o sujeito suposto do saber buscado pelo educando passa a fazer uso de sua autoridade na sala de aula, ele elimina ou despreza a importância do conceito de transferência, criando a ilusão da necessidade de ajustes psicológicos nos educandos (Mariotto, 2017).

Segundo Nascimento e Santos (2022), a transferência relacionada ao ato de aprender acontece mesmo sem o conhecimento do educando. No encontro entre aquele que transmite e o educando, este segundo atualiza a realidade do seu inconsciente, e por estar submetido ao seu psiquismo singular, nunca acontecerá uma relação simétrica entre ele e o professor, pois terá sempre muito mais conteúdo nesta relação transferencial do que se pode compreender. O aluno direciona seu desejo para o professor esperando que ele o identifique e realize, já que ele foi apontado por seus pais como o detentor do saber, porém, o educador não deve se apropriar dessa posição para que não prejudique o desenvolvimento do educando.

A psicanálise tem a intenção de auxiliar a pedagogia na identificação de possíveis causas das dificuldades de aprendizagens que vem ocorrendo nas salas de aula e orientar sobre as melhores formas de lidar com elas, pois alerta que é impossível se viver na plenitude. A realidade da vida civilizada, remete uma falta ao sujeito, que o faz transferir para o outro (o professor), o saber sobre o seu próprio desejo. O suposto saber é o princípio constitutivo da transferência, e mostra aos pedagogos de hoje a impossibilidade de uma relação simétrica entre aluno e professor, além de revelar que não são a origem dos motivos afetuosos e hostis que os educandos transmitem para eles (Nascimento; Santos, 2022).

Essa teoria, apresenta ao educador por meio de seu arcabouço teórico, que em toda relação humana o inconsciente se manifesta durante a transmissão ou construção do conhecimento. Nesse sentido, há sempre algo incontrolável nos processos educacionais, pois na sala de aula, o professor não controla nem mesmo suas manifestações inconscientes e por tanto, não poderá controlar as dos educandos. A psicanálise apresenta conhecimentos que o professor usará para alcançar para seu aluno, o justo equilíbrio entre o prazer pessoal e as necessidades sociais, e para isso, o professor deve dar ênfase à educação e não ao educar, pois este último se restringe a metodologias e técnicas que não abrangem as necessidades subjetivas de cada indivíduo (Cerqueira, 2012).

A transferência acontece por meio de manifestações psíquicas do inconsciente, geradas pelas repressões infantis de ambas as partes. Porém, não cabe ao professor tentar entendê-las, pois a cultura escolar não é um ambiente propício para abordar determinados conteúdos psíquicos. Alguns teóricos afirmam que as crianças até os 6 anos de idade buscam essa transferência na educação, quando associam a pessoa do professor ao seu modelo parental, vinculando assim, suas emoções, medos e fantasias. A transferência do saber infantil e o posicionamento da escola são considerados condições essenciais para acontecer a aprendizagem (Cerqueira, 2012).

A transferência é um recurso essencial para a educação, por corroborar para o aprendizado, e o uso que o professor faz dela ao identificá-la, determinará seu sucesso ou fracasso educacional. Terá sucesso quando o educador de forma consciente e familiarizada com o aspecto da transferência, fizer uso dessa manifestação, no intuito de construir uma relação positiva com o aluno a fim de possibilitar seu aprendizado. Seu fracasso ocorre quando o professor despreza a transferência e passa a fazer uso do autoritarismo, sendo perceptível a manifestação da contratransferência por parte do educador durante o contexto escolar (Nascimento; Santos, 2022).

Diante desse contexto, o professor deve adotar uma postura de orientador, de transmissor do conhecimento, acolher todos igualmente e fazer intermediações, ser firme, mas não fazer uso do autoritarismo, no intuito de favorecer a construção da identidade de seu aluno, não apontando para castigos ou repressões. Assim, o professor desvincula-se da transferência e a partir do coletivo, direciona a libido a buscar novos objetos por meio da sublimação, um mecanismo que transforma impulsos inconscientes em atitudes produtivas que são aceitas pelas regras sociais, no intuito de despertar a busca pelo conhecimento e por novos saberes (Cerqueira, 2012).

Para Freud, não é possível educar sem amor e sem participar da vida psíquica da criança, e se os adultos não a compreendem, é por terem reprimido seu psiquismo infantil. Assim, enquanto a psicanálise estuda a criança que está no adulto, a pedagogia vê o adulto que está na criança. Enquanto a pedagogia busca usar técnicas de treinamento e adaptação, a psicanálise oferece a esse educador uma nova visão de um aluno como um sujeito peculiar que adquire conhecimentos por meio de suas vicissitudes (Cerqueira, 2012).

Freud afirma que, à medida que o sujeito se desenvolve e percorre o caminho do psicodesenvolvimento, ele deverá ceder às outras exigências não pulsionais, ou seja, a cultura. Tal processo, sempre deixará escapar uma parte dessas pulsões que serão delegadas ao inconsciente e podem retornar via formação sintomática, essa expressão dos sintomas marca uma parte significativa da subjetividade de cada um, sendo para Freud, a marca mais própria e única de cada sujeito (Nascimento; Santos, 2022).

4.2 OS SINTOMAS NO CONTEXTO ESCOLAR

A concepção de infância é temporal e a cada contribuição científica divulgada tem-se mostrado o quão importante é conhecer sua singularidade e subjetividade, no intuito de atenuar algumas problemáticas futuras referentes ao seu desenvolvimento, visando facilitar sua transição sociocultural. Entender que essa criança é um ser dotado de fantasias, desejos, emoções, e compreender que a construção de sua identidade é influenciada pelo meio social, permite aos seus responsáveis, encontrar as melhores formas de prepará-la para a vida adulta (Arruda; Freitas, 2017).

Na educação infantil, é possível perceber que o inconsciente se manifesta juntamente com o consciente, visto que a criança toma a satisfação do desejo como prioridade em detrimento das regras sociais. Destaca-se que uma das preocupações dos seus cuidadores é começar a adaptá-las a seguir tais regras, com o intuito de adequar seus comportamentos aos valores e condutas aceitos pela sociedade. Dessa forma, elas são induzidas a reprimir seus próprios desejos que poderão ser manifestados por sintomas, e frequentemente, são confundidos com transtornos ou taxados como uma forma de oposição. Esse sintoma passará a afetar seu desenvolvimento escolar (Cerqueira, 2012).

Uma parte da sociedade contemporânea, por não deter de um conhecimento científico ou psicanalítico sobre sintomas, acaba confundindo comportamentos comuns ou mais intensos com sintomas de transtornos. A suposta percepção de uma patologia atrelado a facilidade de obter diagnósticos nos consultórios médicos com ausência exames complementares necessários e uma profunda análise do caso, induzem a utilização de medicamentos para amenizar as supostas disfunções psíquicas ou biológicas, com intuito de adequar tais comportamentos aos exigidos pela comunidade. No contexto escolar, o uso de medicamentos é feito no intuito de melhorar a aprendizagem e o comportamento do educando (Scarin; Souza, 2020).

Dentre os medicamentos psicotrópicos mais utilizados no Brasil, encontra-se o Metilfenidato que tem o nome comercial de Ritalina, cujo nome popular é “droga da obediência”. Ele é usado no tratamento do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), um dos diagnósticos mais comuns na atualidade para crianças e adolescentes em idade escolar. O uso correto desses medicamentos para um diagnóstico correspondente à realidade do sujeito, pode levar à remissão dos sintomas e a recuperação do sujeito, porém, quando usados de forma incorreta e sem um diagnóstico preciso, podem causar danos terríveis à saúde (Moura, 2021).

O apagamento do sintoma via medicalização implica na perda do estatuto de enigma do sintoma do sujeito, tirando sua autonomia e colocando-o dentro de um padrão comportamental idealizado pela sociedade que despreza a singularidade do outro. Segundo Freud, o sintoma faz parte da singularidade do sujeito, do real vivido por ele, da sua personalidade e crenças adquiridas, dessa forma, entende-se que a pulsão reprimida que gerou o sintoma não será apagada e poderá intensificar a angústia do sujeito, além de poder se manifestar via outros tipos de sintoma. Assim fica nítido que sublimar esse sintoma é melhor que tentar apagá-lo (Basoli; Benelli, 2019).

A comunidade escolar, dificilmente tenta buscar conhecer os educandos no intuito de fazer um levantamento das possíveis causas das dificuldades de aprendizagem, pois é menos trabalhoso apontar uma disfunção psíquica do que tentar buscar métodos novos de ensino que possam ser encaixados dentro do contexto social que o educando vive e de suas potencialidades. É nesse momento que entende-se a importância da presença de um psicólogo escolar que tenha conhecimento da teoria psicanalítica, para que junto aos educadores e educandos, consiga distinguir comportamentos influenciados por manifestações do inconsciente de comportamentos influenciados por disfunções mentais (Scarin; Souza, 2020).

Como uma forma de crítica e de alerta a sociedade, Freud escreveu o livro “ O Mal estar na civilização”, que ao ler o título de forma literal, compreende-se que ao estar inserido na cultura, o sujeito adentra às possibilidades de formação da angústia. Nesse sentido, estar em sociedade, implica estar imerso no jogo das relações sociais, às quais são a principal fonte de angústia segundo o autor. Para Freud, esse processo inicia-se na infância, visto ser esse o momento de inserção na cultura (Souza, 2020).

Quando os educadores detêm de uma compreensão de sujeito do inconsciente, eles ofertam a criança a possibilidades de elaborar um sintoma na via simbólica por meio da sublimação de seus conteúdos reprimidos e direcionar esse sintoma para praticar atividades produtivas com o intuito de despertar o prazer em desenvolver atividades em sala de aula que contribuam para seu desenvolvimento físico, intelectual, emocional e social. (Nascimento; Santos, 2022).

Os conteúdos reprimidos no inconsciente podem se manifestar em forma de dificuldades escolares, agressividade, choro, revolta, isolamento, gritos e outros. Muitas vezes a criança se torna desobediente ao professor por estar representando uma angústia ou necessidade que ela teve e não foi suprida, mas também pode ser uma forma de representar um sofrimento físico causado por alguém que faz parte do seu ciclo social, e nessas situações, os conhecimentos sobre sintoma podem contribuir de forma significativa, por possibilitar o educador a buscar alternativas de tentar conhecer esse sujeito melhor, no intuito de encontrar uma forma de ajudá-lo (Nascimento; Santos, 2022).

O psiquismo infantil pode ser manifestado por meio de desenhos, brincadeiras ou comportamentos. Porém, vale ressaltar que o professor precisa recorrer a ajuda de uma equipe multidisciplinar que possa ofertar uma atenção especial para a criança, na busca de coletar informações sobre seu convívio familiar e comunitário, a fim de analisar o contexto social que ela está inserida. E assim, consiga dar suporte ao educador, que usará a transferência e a interpretação do sintoma para proporcionar um ambiente acolhedor e prazeroso para ela, já que um dos focos da psicanálise é promover a cura pelo amor (Cerqueira, 2012).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas reflexões trazidas, a transferência pode ser considerada um dos pilares da educação, pois sem ela é impossível haver aprendizado. Essa transferência permite também a construção de vínculos, o que torna a troca de saberes mais agradável, pois os professores não só ensinam como aprendem com as dificuldades demonstradas por seus alunos e são essas que os induzem a adotar novos métodos de ensino no intuito de auxiliar esse educando na construção de seu aprendizado, considerando sempre o contexto social do qual está inserido.

É fundamental salientar que a relação afetiva dentro da educação infantil é primordial para garantir a permanência desse sujeito de forma satisfatória dentro dessa nova cultura, pois a psicanálise adentra esse contexto, ofertando um suporte aos profissionais, referente ao

manejo das manifestações inconsciente infantis, regidos por pulsões reprimidas e representadas por sintomas, além de esclarecer que esse sintoma é uma linguagem expressa pelo inconsciente que necessita ser percebido e entendido pelo suposto do saber, assim como a necessidade de compreender a diferença entre comportamentos peculiares e comportamentos patologizantes, visto o risco de patologizar a singularidade do sujeito.

A psicanálise afirma que alguns comportamentos fora dos padrões esperados pela sociedade são induzidos pelas manifestações do inconsciente na busca de demonstrar seu descontentamento com a situação imposta ao educando ou uma tentativa de alcançar uma satisfação naquilo que lhe foi apresentado. Assim, fica evidente que as teorias psicanalíticas oferecem aos educadores uma nova percepção de sujeito peculiar, que não pode ser percebido dentro de padrões comportamentais, já que a criança não é regida apenas por regras sociais e sim pelas suas vicissitudes.

Apesar de existir muitas políticas públicas voltadas para a educação infantil e infância, ainda se mostra necessário fazer ajustes para que sua aplicação tenha uma eficácia maior para esse grupo de sujeitos que compõem o início da construção de uma sociedade modificada pelo desenvolvimento e identidade de cada um. Diante da análise realizada, foi possível perceber os desafios que a comunidade escolar e familiar enfrentam durante o ingresso e permanência da criança na educação infantil, considerando a importância dos conhecimentos psicanalíticos na construção de sujeitos sintomáticos percebidos como únicos.

Vale ressaltar ainda, que conhecer a formulação histórica da educação infantil se torna extremamente relevante para compreender os sofrimentos psíquicos e físicos causados pela incompreensão e a padronização do sujeito infantil e que esses sofrimentos são expressos por via sintoma que aparecem por meio de comportamentos que são estereotipados pela sociedade. Os acontecimentos históricos unidos aos conhecimentos científico, psicanalítico e pedagógico, destacam a importância que essa nova percepção de infância traz para a construção de uma sociedade mais humanizada e saudável psiquicamente. Com isso, destaca-se a necessidade de mais produções e estudos acerca da educação infantil para a construção de uma sociedade que consiga incluir os indivíduos em sua alteridade dentro dos diversos contextos.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Edvonete Sousa de; OLIVEIRA, Mariane Dos Santos de. História da Educação Infantil no Brasil: As Brincadeiras e os Jogos. **Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade**, Mato Grosso do Sul, v. 4, n. 7, p. 51-63. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/2980>. Acesso em : 02 abr. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: edições 70, 1977. Livro eletrônico 225. ISBN: 972-44-0898-1. Disponível em: https://r.search.yahoo.com/_ylt=AwrNZbX7HU9npuojYMPz6Qt.;_ylu=Y29sbwNiZjEEcG9zAzEEdnRpZAMEc2VjA3Ny/RV=2/RE=1734447868/RO=10/RU=https%3a%2f%2fwww.academia.edu%2f40820250%2fBARDIN_L_1977_An%25C3%25A1lise_de_conte%25C3%25BAdo_Lisboa_edi%25C3%25A7%25C3%25B5es_70_225/RK=2/RS=Iew7BRxKwqLP14EL7s0MpLudFBA-. Acesso em : 03 dez 2024.

BARROS, Juliana Fernanda de; ABRÃO, Jorge Luís Ferreira. Psicanálise e educação no Brasil a partir de 1950: um estudo histórico. **Estilos da Clínica São Paulo**, Brasil, v. 22, n. 2, p. 370–387, 2017. DOI: 10.11606/issn.1981-1624.v22i2p370-387. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/139559>. Acesso em: 24 ago. 2024.

BASOLI, Laura Pampana; BENELLI, Silvio José. Medicalização como Sintoma Social Dominante: estratégias a partir do Paradigma Psicossocial. **Rev. Psicol. UNESP**, Assis, v. 18, n. spe, p. 217-242, dez. 2019. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-90442019000200012&lng=pt&nrm=iso. acesso em 12 nov. 2024.

CARNEIRO, Anna Barbara de Freitas; PENA, Breno Ferreira; CARDOSO, Ione Maria. Entrevistas preliminares: marcos orientadores do tratamento psicanalítico. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 38, n. 71, p. 27-36, jun. 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952016000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 31 maio. 2024.

CERQUEIRA, Luana Chaves de. **Manifestações do (in) consciente infantil, através do Desenho e História de Vida, no Contexto Escolar: Uma Possível Interpretação Psicanalítica**. TCC (Licenciatura em Pedagogia)- Universidade de Brasília. Brasília, p. 89. 2012. Disponível em: https://r.search.yahoo.com/_ylt=AwrFbG5BKPtM8IVTsfz6Qt.;_ylu=Y29sbwNiZjEEcG9zAzEEdnRpZAMEc2VjA3Ny/RV=2/RE=1728945474/RO=10/RU=https%3a%2f%2fbdm.unb.br%2fbitstream%2f10483%2f5019%2f1%2f2012_LuanaChavesdeCerqueira.pdf/RK=2/RS=SfZyOA7g4KHckFQmsguvVF8YLk8-. Acesso em: 30 set. 2024.

CORRÊA, Biébele Abreu; MOTA, Edimilson Antônio. O processo de adaptação da criança na Educação Infantil: a importância do acolhimento. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, nº 12, 5 de abril de 2022. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/22/12/o-processo-de-adaptacao-da-crianca-na-educacao-infantil-a-importancia-do-acolhimento>. Acesso em: 10 mar. 2024.

COSTA, Teresinha. **Psicanálise com Criança: psicanálise passo a passo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. v. 75. ISBN 978-85-7110-994-0. DOI 978-85-7110-994-0. Disponível em: <https://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/Terezinha-Costa-Psicanalise-com-criancas.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2024.

DIAS, Maria das Graças Leite Villela . **O sintoma:** de Freud a Lacan. *Psicologia em Estudo*. 2006, v. 11, n. 2, pp. 399-405. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722006000200019>. Acesso em: 17 maio 2024.

EUZÉBIO, Alessandro. **Fases de desenvolvimento psicosssexuais em Freud**. 2023. Disponível em: <https://e-gaio.com.br/wp-content/uploads/2020/04/Fases-de-Desenvolvimeno-Psicosssexuais-em-Freud.pdf>. Acesso em: 11 set. 2024.

FARIAS, Shayane Rosy do Carmo; ALMEIDA, Rodrigo da Silva (org.). Reflexões Psicanalíticas Sobre a Promoção da Saúde Mental na Educação Infantojuvenil. In: **CONEDU**, 7. **Anais**. 2021. DOI: 10.37885/220107366. Disponível em: < https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2021/TRABALHO_EV150_MD1_SA109_ID8076_29092021155017.pdf. Acesso em:16 mar. 2024.

FERREIRA, Arthur Arruda Leal; ARAUJO, Saulo de Freitas. **Da Invenção da Infância à Psicologia do Desenvolvimento**. *Psicologia em pesquisa, Psicologia em Pesquisa*, ano 2 (2009), v. 3, p. 3-12, 17 nov. 2017. DOI 10.24879/200900300200380. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa/article/view/23642>. Acesso em: 29 mar. 2024.

FILHA, Lêda Lessa Andrade. **Singularidade e divisão do sujeito:** um percurso na teoria de Freud e Lacan. 1999. 110 f., il. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Universidade de Brasília, Brasília, 2021. Disponível em: <http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/42654>. Acesso em : 30 maio 2024.

FREITAS, Bruno. Educação Humanizada: O saber e o Fazer de Cada um Compartilhado por todos na Arte de Educar. **Ciências Humanas**, Rio Grande do Sul, v. 19, n. 02, p. 68-91J, 2018. Disponível em: https://r.search.yahoo.com/_ylt=AwrEt9IxmuFmbQQaumHz6Qt.;_ylu=Y29sbwNiZjEEcG9zAziEdnRpZAMEc2VjA3Ny/RV=2/RE=1727270706/RO=10/RU=https%3a%2f%2fwww.researchgate.net%2fpublication%2f329550219_EDUCACAO_HUMANIZADA_O_SABER_E_O_FAZER_DE_CADA_UM_COMPATILHADO_POR_TODOS_NA_ARTE_DE_EDUCAR/RK=2/RS=iAcNsbV1wyXnKGCS1JYDwuGDdzs-. Acesso em: 09 set. 2024.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Froebel e a Concepção de Jogo Infantil. **Revista da Faculdade de Educação**. São Paulo , v. 22, n. 1, p. 145-167, 1996 . Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551996000100006&lng=pt&nrm=iso. acessos em 14 abr. 2024.

KRAMER, Sonia. Infância, Cultura Contemporânea e Educação Contra a Barbárie. **Revista Teias**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 14 pgs., 2007. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/23857>. Acesso em: 6 abr. 2024.

LIMA, Poliene Ribeiro Carvalho. **Investimento na Educação Infantil:** um estudo a partir do marco legal da primeira infância. *Rech*, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/rech/article/view/14284/9178>. Acesso em: 21 ago. 2024.

LOZADA, Gisele; NUNES, Karina S. **Metodologia científica**. Porto Alegre: Grupo A, 2019. *E-book*. ISBN 9788595029576. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788595029576/>. Acesso em: 02 jun. 2024.

MARIOTTO, Rosa Maria Marini. Algumas contribuições da psicanálise à educação a partir dos conceitos de transferência e discurso. **Educar em Revista**. 2017, v. 00, n. 64, pp. 35-48. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0104-4060.49816>>. ISSN 0104-4060. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.49816>. Acesso em 30 out. 2024.

MORAES, Mariana Rebelo Milet. **Desenvolvimento infantil baseado na teoria psicanalítica**. 2023. 28 p. TCC (Graduação em Psicologia) - Faculdade Pernambucana de Saúde. Recife, 2023. Disponível em: <http://tcc.fps.edu.br:80/jspui/handle/fpsrepo/1719>. Acesso em: 8 maio 2024.

MOURA, Geraldo Jorge Barbosa De *et al.* A neurose de transferência e a clínica. **Psicanálise**, p. 193. 2024. Disponível em: <https://spr-pe.org.br/revista2024.pdf#page=194>. Acesso em: 29 out. 2024.

MOURA, Laila Silva. **A Patologização do Fracasso Escolar: Uma Perspectiva Ampla**. 2021, 25p. Trabalho de Conclusão de Curso- Faculdade Anhanguera. Brasília. 2021. Disponível em: https://repositorio.pgsscogna.com.br/bitstream/123456789/42296/1/LAILA_SILVA_MOURA.pdf. Acesso em: 20 out. 2024.

NASCIMENTO, Maria Regina Delzare do; SANTOS, Douglas de Abreu Pestana dos. **Psicanálise e Educação: A Relação Professor-aluno a Partir do Conceito de Transferência**. **SearchGate**. São Paulo, 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/368838608_PSICANALISE_E_EDUCACAO_A_RELACAO_PROFESSOR-ALUNO_A_PARTIR_DO_CONCEITO_DE_TRANSFERENCIA. Acesso em: 27 nov. 2024.

NETTO, Ney Klier Padilha ; CARDOSO, Marta Rezende. Sexualidade e Pulsão: Conceitos Indissociáveis em Psicanálise?. **Psicologia em Estudo**, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/ZGSSYR86pCkGRJS8cdX5dsv>. Acesso em: 14 maio 2024.

OLIVEIRA, Suélen Cristiane Marcos de. **O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: OS DESAFIOS DAS FAMÍLIAS E DOS EDUCADORES DA INFÂNCIA**. 2018. 249 p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação)- Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/9ba56731-0584-42fa-8e20-9565eaa81c0c/content>. Acesso em: 19 mar. 2024.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; MACHADO, Maria Cristina Gomes. A história da educação infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 9, n. 33, p. 78–95, 2012. DOI: 10.20396/rho.v9i33.8639555. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639555>. Acesso em: 8 abr. 2024.

PASSONE, Eric Ferdinando Kanai. De A-Criança ao real infantil: reflexões psicanalíticas acerca da infância. **Estilos da Clínica** São Paulo, Brasil, v. 21, n. 1, p. 114–132, 2016. DOI:

10.11606/issn.1981-1624.v21i1p114-132. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/117778>. Acesso em: 19 abr. 2024.

PELLISSARI, Letícia Santos. **A Abordagem Emmi Pikler na Educação Infantil**. *Revista Gestão e Educação*, 2024. Disponível em:
<http://revista.faconnect.com.br/index.php/GeE/article/view/488/460>. Acesso em: 21 ago. 2024.

PRISZKULNIK, Léia. A criança sob a ótica da Psicanálise: algumas considerações. *Psic*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 72-77, jun. 2004. Disponível em
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142004000100009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 28 abr. 2024.

RIBEIRO, Márden de Pádua. Contribuição da psicanálise para a educação: a transferência na relação professor/aluno. *Psicol. educ.*, São Paulo, n. 39, p. 23-30, dez. 2014. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752014000200003&lng=pt&nrm=iso. acessos em 05 nov. 2024.

SCARIN, Ana Carla Cividanes Furlan e SOUZA, Marilene Proença Rebello de. **Medicalização e patologização da educação: desafios à psicologia escolar e educacional**. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 24, p. 1-8, 2020Tradução. Disponível em:
<https://doi.org/10.1590/2175-35392020214158>. Acesso em: 17 set. 2024.

SILVA, Edvaldo Fernandes da. Os Principais Objetivos da Educação Infantil. In: **Rede Pedagógica**, 7 set. 2019. Disponível em:
<https://www.redepedagogica.com.br/post/os-principais-objetivos-da-educa%C3%A7%C3%A3o-infantil>. Acesso em: 17 mar. 2024.

SILVA, Vanderson de Souza; REZENDE José Vitor Neris. A psicosexualidade infantil: contribuições da teoria psicanalítica em Sigmund Freud. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v.24, n°42, 12 de novembro de 2024. Disponível em:
<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/24/42/a-psicossexualidade-infantil-contribuicoes-da-teoria-psicanalitica-em-sigmund-freud>. Acesso em: 15 nov. 2024.

SOUZA, Paulo César de. **O Mal-estar na Civilização**. 1 Ed. São Paulo: Schwarcz S.A, 2020.

TEODORO, Maycoln L. M.BAPTISTA, Makilim Nunes. **Psicologia de família: teoria, avaliação e intervenção**. Artmed: Grupo A, 2020. *E-book*. ISBN 9788582716038. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788582716038/>. Acesso em: 23 mar. 2024.